

Microrregião de Governador Valadares: a busca de uma identidade territorial para uma região em crise

Leonardo Gomes de Sousa

Universidade Vale do Rio Doce

Carlos Alberto Dias

Universidade Vale do Rio Doce

RESUMO:

A Microrregião de Governador Valadares (MGV), localizada no Estado de Minas Gerais, é uma região que foi forjada por sucessivos movimentos econômicos exploratórios e pelo fenômeno da emigração. Compreender estes ciclos contribui para o entendimento de como seus habitantes foram desterritorializando este espaço durante toda sua construção histórica. Pretende-se neste estudo refletir sobre a possibilidade do surgimento de construções identitárias convergentes entre o Sujeito e sua Região. O sucesso de um modelo de desenvolvimento sustentável para a MGV apenas se concretizará integralmente quando for contemplado nele a fixação da mão-de-obra regional bem como a inclusão social de seus habitantes.

Palavras-Chave: identidade territorial, crise, sustentabilidade.

Sessão Temática:

3. Demografia

Introdução

A Microrregião de Governador Valadares é uma região do Estado de Minas Gerais constituída de uma grande vocação logística, tendo posição territorial privilegiada no Estado. Por suas terras transpassam estradas e ferrovias que dão acesso às principais capitais e rotas de exportação do Brasil. Trata-se de um território aparentemente capaz de abarcar, na ação de seus habitantes, um processo de territorialização que contribua para o contínuo desenvolvimento regional.

Entretanto, essa região é midiaticamente conhecida no cenário nacional e internacional devido a ocorrências situadas em torno do processo emigratório. Os escândalos referentes à venda de passaportes adulterados, o grande número de “cônsuls”¹ e “coiotes”² que atuam na região e a permanência de Valadarenses no exterior de forma indocumentada pouco contribuem para o fortalecimento de uma imagem positiva da região. Entender como surgiu o fluxo emigratório nesta microrregião, comparável aos diversos ciclos exploratórios que devastaram suas terras, contribui para o entendimento de como seus habitantes foram desterritorializando este espaço durante toda sua construção histórica.

Durante toda sua história a MGTV foi alvo de ciclos extrativistas não-sustentáveis. Do ciclo do ouro entre os séculos XVI e XVII até estouro da bolha imobiliária internacional em 2008, sua população foi marcada pelos efeitos de uma história centrada nas relações de poder das classes dominantes. Os movimentos contínuos e ao mesmo tempo desconexos contribuíram para que fosse estabelecido entre os habitantes dessa região, sentimentos de não pertencimento à esse território. Para muitos, a microrregião tornou-se uma terra de passagem, que após a extração dos recursos desejados o habitante deveria galgar para outros horizontes.

Segundo a perspectiva da psicologia sócio-histórica, a identidade é formada através das interações que ocorrem entre o ser e as instituições com que contracenam. Ao perceber o homem como ser ativo, social e histórico, esta visão concebe a realidade social e cultural do sujeito como parte constitutiva do fenômeno psicológico (BOCK, 2001). À medida que o passivo ambiental se instalava devido aos fins dos ciclos exploratórios dos recursos da região, paralelamente coexistiu um enorme passivo social, que deixaram cicatrizes profundas nos habitantes da MGTV.

A desterritorialização da Microrregião de Governador Valadares por parte de seus habitantes se estabeleceu graças a inércia esmagadora que foi sendo cultivada por lideranças e refletida arbitrariamente em sua população. Segundo Lobato Corrêa, a desterritorialização se dá com a “perda do território apropriado e vivido em razão de diferentes processos derivados de contradições capazes de desfazerem o território” (CORRÊA, *apud* SANTOS 1996, p.252). É urgente a necessidade de promoção de representações que contribuam para a reestruturação da identidade territorial para os atores da MGTV. Este constitui-se num passo imprescindível para o acesso a mudanças no pensamento popular e estabelecimento de políticas culturais capazes de atravessar questões partidárias e oligárquicas.

A questão central que ampara este estudo é o da possibilidade do surgimento de construções identitárias convergentes entre o Sujeito e sua Região. Uma vez que esta foi forjada por sucessivos movimentos econômicos exploratórios, e conseqüentemente, por crises de sustentabilidade. Este estudo assume a forma de pesquisa exploratória³, que quanto ao

¹ Cônsuls são agenciadores que auxiliam o emigrante a entrar ilegalmente nos EUA, eles promovem meios que vão desde a produção de documentos falsos à contatos com coiotes.

² Coiotes são os responsáveis por realizar a travessia ilegal das fronteiras com os emigrantes.

³ “A pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. [...] objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de

procedimento técnico a ser utilizado caracteriza-se como pesquisa bibliográfica. Pretende-se aqui conduzir uma reflexão sobre a construção de uma identidade territorial que possa aflorar junto ao sujeito o sentimento de pertencer ao espaço habitado e entendê-lo como base de suas práticas sociais.

1. A Microrregião de Governador Valadares: estigmas e vocações

A Microrregião de Governador Valadares⁴ é uma das oito microrregiões que compõem a Mesorregião do Vale do Rio Doce. Com uma área total de 11.327,403 km², esta microrregião é considerada uma das maiores de Minas Gerais. Ela corresponde a 27% do Vale do Rio Doce, cuja área total é de 41.809,873 km² (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2002).

Segundo dados do IBGE (2007) a Microrregião de Governador Valadares possui em torno de 412 mil habitantes, sendo que 63% desse conglomerado reside na cidade de Governador Valadares. Esses dados apontam para a referida cidade como o foco do desenvolvimento da região.

Em termos globais a cidade de Governador Valadares tem sido midiaticamente conhecida a partir de duas características marcantes que estão muito aquém de suas reais potencialidades. A primeira de ser mundialmente representada como um berço de imigrantes em função do grande número de pessoas que emigram em direção aos países mais desenvolvidos, principalmente os EUA. A esse estigma soma-se a idéia de ser uma cidade que tem o dólar como moeda e a produção de passaportes falsos como atividade produtiva. A segunda decorre de sua vocação para esportes radicais por apresentar condições ideais para a prática do Vôo Livre. Embora tais características sejam visíveis, é importante ressaltar que a cidade possui outras que embora importantes não possuem grande visibilidade social.

No Estado de Minas Gerais a cidade de Governador Valadares constitui-se num pólo com grande vocação logística. Sua localização geográfica é estratégica, por ser um ponto no qual entrecruzam-se três importantes rodovias sendo elas a BR-116, BR-381 e BR-259. Essas rodovias dão ou facilitam acesso a grandes centros tais como Belo Horizonte, Vitória e Rio de Janeiro. A Estrada de Ferro Vitória-Minas que viabiliza considerável fluxo das importações e exportações do País, não só cruza o território como também tem em sua história uma dívida para com a cidade. Uma atenção especial será dada a esse tema nesse estudo.

Essa região tornou-se um pólo comercial e de serviços das mais variadas espécies, fazendo com que os habitantes da Microrregião de Governador Valadares vejam essa cidade como uma grande praça comercial para se fazer bons negócios. Enquanto centro ativo e mantenedor da região, Governador Valadares tem cerca de 5,5 mil estabelecimentos comerciais que equivalem

intuições. [...] envolvem: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão” (GIL, 2002, p. 41).

⁴ Por *Microrregião* entende-se um agrupamento de municípios limítrofes. Essa forma de territorialização visa integrar a organização, o planejamento e a execução de funções públicas de interesse comum. Efetivamente o termo é muito mais conhecido em função de seu uso prático pelo IBGE. Este órgão procura utilizar essa forma de divisão dos estados da federação, para fins estatísticos baseando-se em similaridades econômicas e sociais. A microrregião de Governador Valadares é composta por 25 municípios a saber: Alpercata, Campanário, Capitão Andrade, Coroaci, Divino das Laranjeiras, Engenheiro Caldas, Fernandes Tourinho, Frei Inocência, Galileia, Governador Valadares, Itambacuri, Itanhomi, Jampruca, Marilac, Mathias Lobato, Nacip Raydan, Nova Módica, Pescador, São Geraldo da Piedade, São Geraldo do Baixio, São José da Safira, São José do Divino, Sobrália, Tumiritinga e Virgolândia.

aproximadamente a 80% da economia local (FELÍCIO, 2009). Isso seria um bom indicativo, se não fosse uma explícita denúncia de que ao longo dos anos a região foi explorada de diversas formas até o esgotamento de seus recursos naturais. A não preocupação em criar uma economia auto-sustentável deixou a cidade empobrecida tornando a exploração comercial a maior alternativa em termos de investimentos individuais ou coletivos. De certa forma a criação de uma identidade regional foi marcada por estes atos.

Historicamente a exploração dos recursos da região tem refletido na identidade social de seus habitantes. Os ciclos econômicos que existiram no decorrer de sua história, com destaque para o da Madeira, da Extração Mineral, da Pecuária, fizeram desta Microrregião um local marcado pelos ciclos extrativistas não sustentáveis. Além destes ciclos, destaca-se também o fenômeno da Emigração, que se tornou um fenômeno rotular da região. Todos estes aspectos são fragmentos de uma história baseados em estratégias que não se mantiveram nem evoluíram com o passar do tempo.

Com efeitos análogos aos ciclos extrativistas, cabe-se destacar o fenômeno da emigração de residentes da Microrregião de Governador Valadares. Este evidencia e serve de denúncia das precárias condições de vida dadas na origem. Tentar entender o porquê eles emigram é uma tarefa difícil e será retratada mais adiante, mas é certo que um nativo não deixa seu lar se nele consegue tudo que busca, o desejo de migrar deste ator sempre está envolvido com algum problema na base que o faz tomar a decisão de deixar sua terra.

Neste artigo a emigração é tratada como um fenômeno cujas conseqüências são comparáveis aos ciclos exploratórios por ser tratado como uma alternativa que não é sustentável nem adequadamente amparada pelos órgãos públicos. Segundo dados do IPEAD e UFMG (2004) 72% da população da Microrregião possui entre 0 e 39 anos de idade. Ligado a este fato, um *survey* realizado na região em 2005 aponta que cerca de 58% dos que migram possuem entre 20 e 40 anos (SIQUEIRA, 2006). Estes dados apontam que a região é constituída por uma população jovem e produtiva, que o Estado lhes investe em educação e saúde, mas que por ineficiência do próprio Estado, tal investimento não gera efetivamente retorno para o País. A esse título vale citar Sales (1997, p. 14) quando afirma que os emigrantes (cidadãos valadarenses) “no momento mais precioso de suas vidas, vão realizar alhures um trabalho geralmente aquém de sua qualificação profissional”.

Entretanto o que vale destacar é que a Microrregião de Governador Valadares é também um forte pólo agropecuário, turístico e educacional. Neste último, por exemplo, estão instaladas na região oito Instituições de Ensino Superior abrangendo cerca de 15.000 estudantes distribuídos em níveis de Graduação e Pós-Graduação. Além da produção do conhecimento necessário para a quebra de paradigmas, essa atividade é também econômica gerando grande movimentação financeira. Destaca-se o fato de que dos estudantes que recorrem a crédito educacional para financiar seus estudos, “78% deles compõem a primeira geração de sua família num curso de graduação” (CALEJON, 2009).

Tal fato contribui diretamente para uma mudança das lideranças sociais, reduzindo a força das oligarquias. É notável que ainda exista na região uma predominância de ‘sobrenomes’ tradicionais ocupando os cargos de liderança. O incremento de uma Educação de qualidade para os habitantes da Microrregião de Governador Valadares cria possibilidades de renovação de uma identidade social marcada por crises, para o surgimento de uma sociedade identificada com o espaço que ocupa e com a crença de que esse território pode se converter numa terra de promessa.

2. Ciclos de crise: Da Mineração à Bolha Imobiliária Internacional

O dólar era um ciclo extrativista, que está terminal. Antes foi o da pecuária, que nos deixou fogo na terra, erosão e pastos abandonados. Onde eram 25 bois por alqueire, hoje são cinco. Teve a madeira da Mata Atlântica e antes a exploração mineral da mica e do berilo. E todos acabaram sem deixar herança. (FELÍCIO, 2009, p.2)

A Microrregião de Governador Valadares é um território marcado pelos ciclos extrativistas que deixam à deriva seus habitantes quando os recursos se esgotam. Desde sua descoberta essa microrregião vive momentos marcados pela extração de seus recursos sem a preocupação com sua sustentabilidade. Os sujeitos que nela vivem possuem sua identidade marcas profundas de um habitat que é usado para o benefício de alguns em detrimento de muitos.

Movimentos como a busca pelo ouro, a devastação da floresta para a venda da madeira e posteriormente para a pecuária, o tráfico de mão de obra para os EUA serão abordados nas próximas linhas. Entender um pouco mais dos contínuos ciclos de exploração que resultaram em crises para habitantes da região são subsídios básicos para a elaboração de projetos de desenvolvimento regional que não permitam que a história se repita.

Expedições portuguesas entre os séculos XVI e XVII entraram pelo interior das capitâneas de cidades litorâneas em busca de uma Serra das Esmeraldas supostamente localizada entre os rios Jequitinhonha, Doce e Mucuri. Com a descoberta do ouro, os portugueses fecharam as rotas para o litoral a fim de impedir invasão e furtos por parte dos estrangeiros (ESPINDOLA, 2006).

Dava-se início a extração de ouro e outros minerais existentes na região. Tratam-se de recursos que demoram séculos para se renovarem e que por sua raridade, geraram ganância e indiferença dos prejuízos causados a terra e seus habitantes. Os índios que nessa região viviam eram encarados singelamente como uma pedra nos reluzentes sapatos lusitanos.

O volume da produção aurífera regional é motivo de debates devido à desorganização dos mecanismos fiscalizadores da época. Ressalta-se, entretanto sua grande representatividade no cenário mundial chegando, conforme Pinto (1979), a assertivas de que o ouro fornecido por Minas Gerais financiou a Revolução Industrial Inglesa.

O que se seguiu nas próximas décadas foi uma consequência óbvia da extração sem a preocupação com a renovação dos recursos. A escassez mineral a partir do início do século XIX fez com que as lideranças procurassem outras formas de exploração, dando início a um processo de ocupação daquelas terras. O historiador Espíndola (2005) em estudos relacionados ao Sertão do Rio Doce faz o seguinte comentário:

[...] com o declínio do ouro, particularmente, entre o último quartel do século XVIII e a primeira metade do XIX, a região foi vista como alternativa para a crise, ou seja, o controle sobre os rios agora deveria servir a um processo de territorialidade, dando-lhe um uso que possibilitasse produzir riquezas e aumentar as rendas do Estado. Na primeira metade do século XIX, a navegação fluvial, o acesso ao mercado mundial, a incorporação de território de floresta e a guerra aos índios ocuparam espaço significativo na pauta do governo central (de D. João VI, D. Pedro I e D. Pedro II) e dos governos de Minas e do Espírito Santo (ESPÍNDOLA, 2005).

Com este esgotamento dos veios auríferos, tornou-se interessante ao Estado a ocupação dos “Sertões do Rio Doce”. Iniciou-se então na primeira metade do século XIX um processo de incentivo à ocupação deste território, com ações que envolviam desde a “guerra ofensiva aos botocudos” à incentivos financeiros e fiscais aos interessados em fixar residência na região.

Outras iniciativas também foram oferecidas por D. Pedro I para agricultura e comércio, entretanto, todas essas vantagens não alcançaram os resultados esperados (ESPÍNDOLA, 2005).

Apenas na segunda metade do século XIX, Figueira, posteriormente Governador Valadares, transforma-se em entreposto comercial de envergadura considerável. O Rio Doce, navegável do povoado até a foz, possibilitou sua consolidação como porto de canoas e troca de mercadorias (SIMAN, 1988).

No início do século XX, ocorre a chegada de grande contingente de migrantes na região, devido principalmente à construção da ferrovia Vitória-Minas. A inauguração em 1910 da estação ferroviária de Figueira trouxe efeitos significativos para o desenvolvimento regional. Entre eles estão a consolidação da sua posição de entreposto comercial, a vinda de migrantes de diversas regiões do Brasil e de alguns estrangeiros de nacionalidade italiana, espanhola e siríaca, e o aumento da importância econômica da cultura do café e da extração de madeira (SIMAN, 1988).

Nas décadas de trinta e quarenta a cidade vivenciou o ciclo da mica, o domínio na exploração da riqueza foi feito por empresas norte-americanas para fomentar a indústria bélica na Segunda Guerra Mundial (AMORIM 2007). A mica era utilizada na fabricação de materiais elétricos e instrumentos de precisão, sendo amplamente empregada na guerra e valorizada pelos Estados Unidos, para quem se destinava quase que exclusivamente a produção da região (ESPINDOLA, 1999).

Entretanto, com o fim da Segunda Guerra Mundial e a substituição da mica por produtos mais avançados nos anos 60, a economia da Microrregião de Governador Valadares entra em declínio. Espindola (1999) destaca como se manifestou o fim de mais um ciclo exploratório na região, segundo ele:

A partir de 1960, a produção de mica cai em queda livre, registrando-se, no final dessa década, uma produção bastante irrisória. O refluxo da atividade extrativa da mica teve conseqüências sérias para a economia local, com redução do número de empregados de cerca de 3.000 pessoas, nos anos 40, para cerca de 500 empregos, no início da década de sessenta. Além dos empregos diretos, a queda da demanda no mercado atingiu, fortemente, as centenas de famílias que trabalhavam a mica em suas próprias casas (ESPINDOLA, 1999, p.30).

O ciclo da extração da Madeira na região, assim como ocorreu (e ocorre) em diversas regiões do Brasil, foi devastador para o solo e perverso para os habitantes pelo seu passivo social. Como destacado por Guimarães (2007), após a derrubada da mata, a empresa madeireira transformava a área em pasto, o solo erodia e raramente servia para algum tipo de cultura. Fonseca (s/d) como testemunha ocular da extração da madeira na região, coloca em seus versos a dor e imensidão de recursos que lhes eram retirados.

A madeira de que era copioso o solo e agressiva a extração que se fazia propriamente dentro dos acanhados limites do arraial, se compunha de troncos imensos derrubados na sua periferia (FONSECA, s/d, p. 45).

De uma forma lógica, a exploração inconseqüente da Madeira sem preocupação com a sustentabilidade dos recursos, resultaria em tempos de crise. Entre as décadas de 1950 e 1960 ocorreu o esgotamento dessas atividades extrativistas, resultando no fechamento de várias serrarias e indústrias de madeira (GUIMARÃES, 2007).

A pecuária existente na época não foi suficiente para absorver toda mão-de-obra liberada pelas atividades ligadas à extração da madeira. Pairou na região uma estagnação econômica, que veio a se agravar com a década de 1980, a “Década Perdida”. Essa década foi relatada por Sales (1997, p. 31) nos seguintes termos:

A partir de 1979, a economia brasileira sente o impacto do aumento da taxa de juros internacional e do segundo choque do petróleo, ocorrendo então a má desvalorização de 1979, que causa grande impacto sobre a inflação. Esta ultrapassa os 50% ao ano, chegando ao final de 1979 a superar a casa dos três dígitos. O país adota, diante desse quadro de crise, uma política abertamente recessiva, que inclui medidas como as restrições de créditos, aumento de juros, corte nos gastos públicos e alteração da política salarial. Em setembro de 1982, o México declara a moratória, o que leva à paralisação dos fluxos de créditos internacionais, obrigando o Brasil a recorrer ao FMI. Esse quadro de crise se estende até 1983, quando, logo em fevereiro, ocorre mais um resultado, o produto industrial do período de 1981 a 1983 cai a uma taxa média anual de 4% e o PIB de cerca de 1,3%).

Em 1985, com a Nova República, inicia-se a recuperação de perdas. O PIB cresce 8,3% e o salário mínimo 7,5%, porém a inflação chega a 225% ao ano. Com o Plano Cruzado em 1986, os salários crescem e o PIB mais uma vez se eleva, entretanto, o plano não trouxe soluções em relação ao desequilíbrio na balança comercial. Em decorrência, a moeda sofreu uma desvalorização tanto no cenário internacional quanto local. Na tentativa de se restabelecer através de um ajuste fiscal, o Plano Cruzado II, retornou a inflação e desconsiderou os pontos positivos do plano anterior. Em fevereiro de 1987 o governo decreta a moratória, devido principalmente à queda do saldo comercial e a grave erosão do nível das reservas externas. Os dois últimos anos da década apresentaram os mais altos índices de inflação: 685% em 1988 e 1320% em 1989 (SALES, 2007).

Diante desse cenário, brasileiros que viviam a espera de um milagre para sobreviverem a crise instalada buscavam alternativas nas grandes capitais ou em locais que permitiam uma certa manutenção de seu status social. Os habitantes da Microrregião de Governador Valadares não possuíam as mesmas possibilidades. Esta população, vivendo numa região sem perspectivas de crescimento e diante da necessidade de manter seu status, vê na emigração para outro país, principalmente os EUA uma opção para a mudança de sua realidade.

O desenvolvimento econômico e soluções em saúde como o SESP (Serviço Especial de Saúde Pública) promovidos em grande parte pelos americanos na primeira metade do século XX, instituíram no pensamento popular que os EUA era uma terra de oportunidades e prosperidade (ESPINDOLA, 2005). Soma-se a isso, a criação de redes sociais entre as décadas de 1960 e 1970, formadas por jovens de classe média da região que migraram inicialmente em busca da manutenção de seu status social e pela possibilidade de ganhar dinheiro rapidamente e abrir algum negócio na cidade de Governador Valadares (SIQUEIRA, 2009a). Em seu trabalho sobre migrações internacionais, Siqueira vai descrever também outros pontos determinantes para o ato de migrar, segundo ela:

[...] as pessoas emigram para os locais onde existe oportunidade de melhorar sua condição de vida ou manter uma condição que estava sendo perdida por questões estruturais da economia do seu país de origem. O crescimento do fluxo migratório internacional coincide exatamente com o período de agravamento da crise econômica brasileira. A forma como a riqueza está distribuída no mundo é um componente importante para definição da direção do fluxo migratório. Sendo assim, a existência de um mercado de trabalho secundário que oferece possibilidade de trabalho e renda, nos EUA, promovem condições de expulsão na origem são fatores que configuraram esse fluxo (SIQUEIRA, 2009b, p.4).

Esses fatores, sobretudo as redes sociais que se formaram com o passar dos anos, foram determinantes para que os habitantes estabelecessem na “Década Perdida” o maior fluxo migratório para os EUA. Nessa época, conforme retratado por Sales (1997), mais de 50% de

habitantes indivíduos deixaram sua terra na década de 80 em busca de melhores condições, 70% destes no “triênio da desilusão”⁵.

Esse fenômeno migratório, quando comparado aos ciclos extrativistas que ocorreram na região ao longo da história, torna-se o evento mais cruel dos que ocorreram na Microrregião de Governador Valadares, por extrair da terra o bem mais precioso, as pessoas que nela vivem. Sem opções de manter o seu padrão de vida, buscam em terras alheias o que deveriam encontrar em sua origem. Um processo que consome os imigrantes em seu auge produtivo, que além de separar o imigrante de sua família, atravança o planejamento econômico do estado. Apesar de precário, o *welfare state*⁶ brasileiro investiu em saúde e educação para que seus cidadãos contribuíssem com o desenvolvimento da região e conseqüentemente do país.

Embora os emigrantes enviem consideráveis remessas de dinheiro, essas geralmente são direcionadas para o consumo de bens e pequenos investimentos, que quando ocorrem são aplicados à compra de imóveis que por sua natureza não geram fluxo de capital. Outro destino dessas remessas seria para a abertura de pequenos empreendimentos no Brasil. Empreendimentos regionais que em sua maioria não obtêm sucesso, conforme apontam pesquisas feitas por Siqueira (2006), onde cerca de 49,9% dos estabelecimentos abertos por emigrantes retornados fecham as portas em menos de dois anos de existência. Este cenário desolador se dá principalmente pelo fato desses imigrantes não estarem adaptados à realidade regional e temporal, não possuem espírito empreendedor e ainda por acreditar que o capital que fora adquirido no exterior fosse suficiente para manter o negócio no Brasil em momentos de crise. Ressalta-se que muitos desses que abrem negócios na região sem sucesso, após perderem tudo, reiniciam o fluxo na tentativa de ‘não errar’ da próxima vez.

O fluxo migratório de habitantes da Microrregião de Governador Valadares permanece até os dias atuais. A cidade vive a urgência de estabelecer políticas públicas nas dimensões cultural, identitária e econômica. Desde 2008 inúmeros emigrados foram forçados a regressar devido à crise econômica mundial. Esse retorno afeta consideravelmente a economia regional, pois grande parte do capital financeiro que entra na região tem como fonte as remessas advindas de outros países.

A crise econômica mundial iniciada no mercado imobiliário americano atingiu diretamente grande parte de emigrantes que investiram suas economias na aquisição de imóveis nos EUA (SIQUEIRA, 2009b).

Na incessante busca pela manutenção da supremacia econômica mundial, bancos e instituições financeiras americanas estabeleceram linhas de crédito para clientes de risco, rotulados como *sub-prime*, com altas taxas de juros e entrega da escritura definitiva apenas após a quitação. Em uma economia estável, essa ciranda de alto risco funcionaria sem maiores transtornos. Emigrantes brasileiros viram uma grande possibilidade de estabelecerem uma maior perspectiva temporal de residência, adiando seu retorno com a compra de imóveis (IDEM, 2009).

Com aumento vertiginoso da taxa de juros, os emigrantes brasileiros, que vivem na franja da sociedade americana, se vêem na impossibilidade de manterem suas prestações mensais em dia e conseqüentemente, devolvem o imóvel às instituições financiadoras e perdem todo o dinheiro investido.

⁵ O termo “triênio da desilusão” foi criado por Sales considerando os altos níveis inflacionários por que passou o país nos anos de 1987, 1988 e 1989.

⁶ Mecanismo de regulação da demanda agregada decorrente do aumento da capacidade de consumo das famílias e pelos gastos sociais do governo (MEDEIROS, 2001).

Essa crise provocou impactos no mercado Valadarense. O fluxo de remessas diminuiu consideravelmente e o reflexo foi sentido no comércio e na prestação de serviços. Muitos imigrantes retornam e um grande número desses, sem dinheiro algum para se manterem dignamente. Um fluxo migratório que entra em crise, trazendo de volta indivíduos destroçados e na obrigação de se restabelecerem em uma terra marcada pela exploração.

3. Entre crises econômicas, o nascimento de uma sociedade desterritorializada

A Microrregião de Governador Valadares pode ser considerada hoje um território marcado pela exploração e sentimentos de não pertencimento. Seus habitantes viveram ao longo da história momentos que os levaram, em seu imaginário, a criar a idéia de ser aqui apenas uma terra sem oportunidades. Nesse contexto o estar na região é uma etapa na qual muitos procuram reunir recursos para ir em direção à terra de seus sonhos.

O esgotamento da terra decorrente dos sucessivos ciclos exploratórios contribuiu para que cristalizasse no pensamento dos atores da MGv a idéia de não ser este um lugar acolhedor, capaz de fornecer a seus habitantes condições de trabalho e desenvolvimento. Por esse processo o estabelecimento de íntimas relações do homem com o lugar ficou seriamente comprometido. Relações de pertencimento necessárias para que possam acontecer na região uma valorização que parta de dentro para fora, do sujeito para com o lugar, despertando nos envolvidos o desejo e vontade de contribuir de alguma forma para com o desenvolvimento desse lugar.

Em um ensaio preliminar⁷ objetivando verificar o comprometimento de estudantes de uma Universidade com a região, foi levantada a questão sobre a possibilidade de continuarem vivendo na Microrregião de Governador Valadares após concluírem o curso de graduação. Mais de 50% dos entrevistados declararam o desejo de migrar para uma região que oferecesse melhores condições de trabalho e qualidade de vida. Apesar de tratar-se de um ensaio, este levantamento aponta para a inexistência ou frágil relação identitária dos respondentes para com sua região. Assim, apesar de estarem preparando-se para atuar como atores de mudanças, reduzida é a intenção de envidar esforços para a superação dos problemas regionais e contribuir para a melhoria da qualidade de vida da sociedade de origem.

O sentimento de não pertencer a um determinado território contribui para estagnação e esvaziamento econômico da região, uma vez que não há a preocupação com a manutenção e ampliação dos recursos que existem nesta terra. Dados da pesquisa de Soares (1995) apontam que o PIB per capita, a renda média e os índices demográficos da região do Rio Doce a situam como a segunda mais pobre do estado de Minas Gerais. A Microrregião de Governador Valadares está no epicentro de um quadro de concentração de pobreza cujo reflexo é diretamente transpassado à identidade de seus habitantes.

As mídias locais e nacionais periodicamente elucidam realidades claramente perceptíveis da região. O tráfico de drogas, violência, crimes de lavagem de dinheiro, a existência do “cônsul” são denúncias que apontam para a urgência da criação de políticas públicas capazes de contribuir com a diminuição da pobreza e redução do número de cidadãos que se engajam nesses processos. Percebe-se, entretanto, a inexistência de políticas públicas na região, políticas sólidas e continuadas que são capazes de ultrapassar intenções partidárias. Assim como acontece em várias regiões do Brasil, a Microrregião de Governador Valadares tem se baseado em políticas de governo, onde planejamento, estratégias e ações se renovam a cada quatro anos.

⁷ No fim de 2008, foi realizado um ensaio preliminar com 4 turmas de cursos de graduação (duas turmas de Design Gráfico, uma de Produção Audiovisual e outra de Jornalismo), onde foram levantadas questões, através de um questionário, com o objetivo de analisar as perspectivas de mercado destes futuros profissionais.

Ao longo de sua história, a Microrregião de Governador Valadares demandou modelos educacionais que contribuíssem para com o desenvolvimento regional. As previsões sobre um país mais adulto, rico e feliz conforme indicado por Aranha (2009) não fazem parte da realidade regional. O “mercado” educacional tem cada vez mais buscado a quantificação de discentes ao invés de qualificação. Ter mensalidades mais suaves, reduzir custos com pesquisa, investir na contratação de professores com menor qualificação são medidas que as IES, principalmente privadas, tem buscado para ajudar o indivíduo a progredir preços que caibam em seu bolso.

Apesar disso, acredita-se ainda que o grande número de Instituições de Ensino Superior da MGTV pode contribuir muito com uma nova organização identitária da microrregião. Apesar de seu papel ainda ser o da oferta de cursos que estão em alta aceitação no mercado global, o ideal para a região seria o compromisso de cursos contextualizados e aplicáveis ao desenvolvimento regional.

Contudo, dados do Atlas de Desenvolvimento Humano do Brasil (PNUD, 2003) apontam que 63,5% dos habitantes da cidade de Governador Valadares possuem menos de oito anos de estudo. Mesmo apresentando taxas positivas em relação a censos anteriores, percebe-se um grande contingente que necessita de uma base educacional para que, identificados com sua coletividade, possam corresponder com as expectativas de desenvolvimento desejadas pela cidade.

Marcados por ciclos extrativistas não sustentáveis durante toda sua história e um fluxo emigratório de grande impacto, os habitantes da MGTV vivem uma constante crise identitária no tocante ao pertencimento regional. Iniciativa privada e Governo devem estar conscientes que há um passivo ambiental e social a ser quitado com esses cidadãos. A contribuição no aspecto educacional, assim como psicológico e habitacional são bases que fornecerão sustentação a uma construção identitária que visará valorizar as coisas da terra e maximizar seu aproveitamento em prol do sujeito e da região.

4. Reflexões sobre construções identitárias para sobreviver num território em crise

Os movimentos exploratórios que traçaram a história de Governador Valadares deixaram cicatrizes profundas produzindo na população o sentimento de não pertencimento a este território. Para a compreensão deste fenômeno faz-se mister conduzir uma breve reflexão sobre os seguintes aspectos: construção identitária, modos de atuação sobre o sujeito em momentos de crise e sobretudo práticas culturais que contribuíram para a formação identitária da Microrregião de Governador Valadares. Essa visão reflexiva é compartilhada por Ewald e Soares (2007) em seu estudo sobre construções identitárias:

É necessário, portanto, refletir sobre este processo de construção do ser humano, sobre a relação entre indivíduo e sociedade, entre identidade e cultura. Temas que nos empurram para uma discussão em que estamos existencialmente inseridos. Para isso, partimos de contribuições de autores das várias áreas pertencentes às Ciências Humanas e Sociais que, acreditamos, nos fornecem subsídios preciosos à reflexão sobre essas questões (p.24).

O termo identidade vem designar inicialmente aquilo que é idêntico, onde a essência do indivíduo é compartilhada. Segundo o Ferreira (1986), a identidade refere-se a aspectos coletivos de um conjunto de características que fazem com que alguém seja definitivamente reconhecível, ou conhecido. Já o termo subjetividade trabalha no indivíduo os desejos e uma construção básica diferente. Limberti (2008) traz o termo identidade como o conjunto de caracteres próprios e exclusivos com os quais se podem criar a diferenciação entre as espécies e suas particularidades.

A psicologia sócio-histórica se baseia na perspectiva em que o homem é a peça chave de um processo e se forma a partir das interações com o meio. Bock (2001) destaca detalhadamente como é fundamentado e entendido o processo sócio-histórico:

Fundamenta-se no marxismo e adota o materialismo histórico e dialético como filosofia, teoria e método. Nesse sentido, concebe o homem como ativo, social e histórico; a sociedade, como produção histórica dos homens que, através do trabalho, produzem sua vida material; as idéias, como representações da realidade material; a realidade material, como fundada em contradições que se expressam nas idéias; e a história, como movimento contraditório constante do fazer humano, no qual, a partir da base material, deve ser compreendida toda produção de idéias, incluindo a ciência e a psicologia (BOCK et al 2001, p.17-18).

Dentro dessa perspectiva, aqui adotada, a identidade se forma através das interações do indivíduo com o meio. Nesse sentido, deve-se entender que a identidade se “constitui como um produto da socialização, produto da interação do sujeito com aqueles que estão presentes em sua vida” (ALMEIDA *et al*, 2008, p.156). Assim, desde a socialização primária ocorrida na infância onde o indivíduo absorve informações com sua instituição familiar e posteriormente, a secundária na qual entram em cena outras instituições (escola, trabalho e diversos outros), o ator vai recebendo informações, que uma vez pertencidas organizam-se, fazendo parte de sua identidade (BERGER E LUCKMANN, 2003).

As diversas instituições que cercam o indivíduo no decorrer de sua história trazem impressões e informações que criam bases para a construção identitária do sujeito. Em relação a esse processo de construção, Freire (citado por ALMEIDA, 2008) afirma que a identidade se “forma através da relação deste com outras pessoas, da interação de valores, sentidos, símbolos e cultura dos mundos habitados pelo sujeito”. Fundamentado nessa asserção pode-se dizer que os habitantes da MGTV carregam consigo marcas que foram traçadas no decorrer da história da instituição regional.

Todos os momentos de crise econômica ocorridos na MGTV contribuíram para uma construção identitária incapaz de valorizar os aspectos positivos desta terra. A ação de explorar e a deixar quando não há mais perspectivas de crescimento rápido e duradouro é uma característica que se cristalizou no pensamento dos atores, tornando-se marca da identidade cultural da região.

O termo Identidade quando relacionado à existência subjetiva, ganha sentido de permanência e de continuidade e o termo identidade cultural acentua a dimensão intersubjetiva, formal e concreta da identidade pessoal (EWALD e SOARES, 2007). Assim, ao entender a cultura como “unidade expressiva que orienta a ação de uma comunidade” (EWALD e SOARES, 2007, p.24), percebe-se a relação entre identidade pessoal e identidade cultural foi formada na região através de um horizonte de símbolos e valores transpassados pelo tempo.

No final do século XIX, com o fim da escravidão e o fluxo de imigrantes para o Brasil, as elites do país buscavam o desenvolvimento e não viam na população a capacidade de cumprir com esse ideal. Em seu estudo sobre identidade do brasileiro, Naxara (2001) faz um panorama histórico da época onde retrata que:

O povo brasileiro, (principalmente a população mestiça, ou de alguma forma vinculada à escravidão) visto pelas suas elites, aproximava-se do atraso e da barbárie, enquanto que o que se procurava era o progresso e a civilização. Tal questionamento acabou levando a uma definição do brasileiro pela ausência do que se esperava que ele pudesse ser, ou seja, por aquilo que lhe faltava. O brasileiro era visto como elemento despreparado e imaturo para o exercício do trabalho livre e para a sociedade do progresso que se pretendia (NAXARA, 1992, P.184).

Também segundo a autora, foi criado nessa época dois imaginários bem distintos: “de um lado a desqualificação do trabalhador nacional e de outro o elogio do imigrante, trabalhador ideal,

portador da ética do trabalho, disciplinado” (NAXARA, 1992, p.184). Juntamente com essa separação foram criadas outras que realçaram as diferenças entre campo e cidade, estigmatizando o homem do campo ao atraso e à barbárie. Naxara (1992) vai dizer que nessa época “parecia natural que brancos fossem melhores que negos e mestiços” (NAXARA, 1992, p.187).

Cristalizou-se nessa época junto à população uns dos maiores símbolos de nacionalidade do Brasil, o personagem Jeca Tatu de Monteiro Lobato, materializando o pensamento pré-existente sobre o brasileiro. Um brasileiro pobre, marginalizado e possuído de um total despreparo para o exercício da cidadania. Uma cristalização que só foi possível devido ao ambiente cultural que se materializou entre as classes brasileiras.

Essa imagem de uma população imatura e desqualificada foi amplamente difundida na virada do século XIX para XX e ainda encontra cristalização nos habitantes da Microrregião de Governador Valadares. Um povo que aparenta ser naturalmente contente com as migalhas e que depositam no outro sua esperança de uma melhor condição de vida.

É preciso que as representações estigmatizantes sejam neutralizadas para que os cidadãos da MGTV descubram sua capacidade de articulação no combate à cultura exploratória em favor da construção de um modelo sustentável. Ao trabalhar o aspecto cultural em favor das mudanças sociais, a MGTV estará reterritorializando seu espaço e contribuindo diretamente para o combate de suas raízes sufocantes, nesse sentido, Alvarez *et al* (2000) ressaltam a importância dessas ações:

O campo de ação das lutas democratizantes se estende para abranger não só o sistema político, mas também o futuro do desenvolvimento e a erradicação de desigualdades sociais tais como as de raça e gênero, profundamente moldadas por práticas culturais e sociais (ALVAREZ *et al*, 2000, p.16).

Um das articulações possíveis na construção desta identidade territorial é pensar a condição de se estabelecer uma política cultural para a população da MGTV. Neste estudo, política cultural não é visto como bens de consumo cultural (cinema, teatro e outros), mas de “laços constitutivos entre cultura e política, onde a cultura é entendida como concepção do mundo e enquanto conjunto de significados que integram as práticas sociais, um processo pelo qual o cultural se torna fato político” (ALVAREZ *et al*, 2000, p.17).

Ao entender essa cultura como uma dimensão de todas as instituições (econômicas, sociais e políticas), será possível estabelecer soluções que sejam realmente focadas na população da Microrregião de Governador Valadares. Só uma sociedade territorializada com seu espaço, realmente capaz e livre de processos estigmatizantes, articulada e participativa é capaz de fazer com que as políticas partidárias comuns nesta região, sirvam realmente às intenções e anseios da população.

Considerações Finais

Toda pesquisa realizada no âmbito das ciências sociais não deve ter a ousadia de pretender fornecer respostas como suficientes para solucionar os problemas de uma população. Dentro dessa perspectiva o que se procurou realizar com este ensaio foi buscar uma interpretação da história que fez a Microrregião de Governador Valadares tal como a conhecemos hoje. Microrregião esta, impulsionada por diversos ciclos exploratórios e por um peculiar fluxo migratório, que conspiraram para a construção de uma identidade regional desterritorializada. Identidade anômala, que faz com que os habitantes deste território tenham como ideal econômico e social, um que possa ser construído em outras terras.

Durante a execução desta pesquisa, buscou-se estabelecer questões que envolvessem os ciclos econômicos que fizeram parte da história da MG, e aquelas relativas à promoção de representações que contribuam para uma reconstrução da identidade territorial dessa população. Identidade esta que se constitui num pré-requisito para que efetivamente tais habitantes possam contribuir para o desenvolvimento regional.

Baseando-se na perspectiva sócio-histórica, a constituição da identidade territorial se constrói em função das interações envolvendo sujeitos e contextos ao longo da história da região. Interações diversas que quando focadas nos ciclos econômicos e no fluxo emigratório da região, geradores de processos não sustentáveis, fazem emergir sentimentos de angústia que de alguma forma contribuem para o tipo de sentimento de pertencimento que é próprio desses habitantes. Não há um projeto pré ou pós estabelecido que quando executado seja capaz de uma transformação brusca na identidade territorial dos habitantes da MG.

O sucesso de um modelo de desenvolvimento sustentável para a MG apenas se concretizará efetiva e integralmente quando for contemplado nele a inclusão social de seus habitantes. A participação da população em movimentos democratizantes e políticas públicas nos campos educacionais e de renda podem contribuir com o processo de reterritorialização da MG.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Agnes Rocha de; SIQUEIRA, Sueli; DIAS, Carlos Alberto. A construção da identidade cultural em filhos de emigrantes. **Caderno Neder**, v. 2, p. 154-179, 2008.

ALVAREZ, Sonia E.; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo. Introdução – O cultural e o Político nos Movimentos Sociais Latino-Americanos. In: ALVAREZ, Sonia E.; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo (org.), **Cultura e Política nos Movimentos Sociais Latino-Americanos**, pp. 15-60. Belo Horizonte: EUFMG, 2000.

AMORIM, Aparecida. As Interfaces entre migração internacional e religião: um estudo de caso. **XII Congresso Brasileiro de Sociologia**. 2007. Recife – PE.

ARANHA, Ana. Menos Alunos. Mais Qualidade? **Época**. São Paulo, Especial Brasil Educação 2020, p. 90-92, 25 de Maio. 2009.

BERGER, Peter L., LUCKMAN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair (orgs.) **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001. 224 p.

CALEJON, Serena. Nós nunca estudamos tanto. **Exame**. São Paulo, Especial Consumo, p. 42-45, 8 de Abril. 2009.

CORRÊA, Roberto Lobato. Territorialidade e Corporação: um exemplo. In SANTOS, Milton et. Al. (org.) **Território: Globalização e Fragmentação**. São Paulo: HUCITEC, 1996, p. 251-256.

ESPINDOLA, Haruf Salmen. **Associação Comercial de Governador Valadares: sessenta anos de história**. Governador Valadares: ACGV, 1999.

ESPINDOLA, Haruf Salmen. **Sertão do Rio Doce**. Bauru: Edusc, 2005. v. 1. 485 p.

ESPINDOLA, Haruf Salmen. Territorialidade em Minas Gerais durante a crise do sistema colonial. **3º Encontro da ANPPAS**. Brasília DF. 2006.

EWALD, Ariane Patrícia; SOARES, Jorge Coelho. Identidade e Subjetividade numa era de incertezas. In: **Estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro. UERJ. 2007

FELÍCIO, César. Em Valadares, sobrou apenas o comércio. **Valor Econômico**. 03/04/2009.

FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 1838 p.

FONSECA, José Raymundo. **Figueira do Rio Doce**. s/l, s/ed, s/d.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Perfil Demográfico do Estado de Minas Gerais**. Belo Horizonte. 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GUIMARÃES, Cristiana Maria de Oliveira. Entre o progresso e a incompletude da modernidade. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**. Belo Horizonte, V.14 N.15. 2007

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. **Microrregiões: Governador Valadares**. <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 20/05/2009. 2007.

IPEAD e FAGV. FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS, ADMINISTRATIVAS E CONTÁBEIS DE MINAS GERAIS. FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO DE GOVERNADOR VALADARES. **Diagnóstico sócio-econômico da cidade de Governador Valadares**. 2004.

LIMBERTI, Rita de Cássia Aparecida Pacheco. Discurso Indígena: Identidade, Alteridade, Transculturalidade. In: **Anais do III Simpósio Internacional sobre análise do discurso: Emoções, Ethos e Argumentação**. Belo Horizonte. UFMG. 2008.

MEDEIROS, Marcelo. A Trajetória do Welfare State no Brasil: papel distributivo das políticas sociais dos anos 1930 aos anos 1990. In.: **Texto para Discussão nº852**, Brasília: IPEA, 2001.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. A construção da Identidade: um Momento Privilegiado. In: **Revista Brasileira de História**. v.11, nº23/24. P.181-190. São Paulo. 1992.

PINTO, Virgílio Noya. **O Ouro Brasileiro e o Comércio Anglo-Português**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1979.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Atlas de desenvolvimento Humano no Brasil**. Software. São Paulo:ESM Consultoria. 2003.

SALES, Teresa. **Brasileiros longe de casa**. São Paulo. Cortez. 1999.

SIMAN, Lara Mara Castro. **A história na memória: uma contribuição para o ensino da história de cidades**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 1988.

SIQUEIRA, Sueli. A crise econômica nos EUA e o retorno à terra natal. In: **Latin American Studies Association**. LASA2009. Rio do Janeiro. 2009b.

SIQUEIRA, Sueli. A Migração Internacional na perspectiva dos que ficam. **VI Encontro Nacional sobre Migrações**. Belo Horizonte. 19p. 2009a.

SIQUEIRA, Sueli. **Migrantes e empreendimentos na microrregião de Governador Valadares: sonhos e frustrações no retorno**. Tese (Doutorado em Sociologia e Política) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2006.

SOARES, Weber. **Emigrantes e investidores: Redefinindo a dinâmica imobiliária na economia valadarense**. 1995. 174 f. Dissertação (Mestrado em demografia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.